

A PROJECTADA REVOLUÇÃO

Continuam com insistência os boatos de que está para se produzir um movimento revolucionário. Segundo nos dizem, o acontecimento deveria ter-se dado ontem de madrugada.

¿Quem prepara esse movimento? ¿Qual a sua feição?

Diz *O Século* que se trata dum movimento radical. Tanto basta para que a gente fique convencida que se trata dum tentativa conservadora. E' assim que os cúmplices dos exploradores costumam cobrir os seus maneios, mas já não iludem ninguém. *O Século*, que não tem feito outra coisa senão incitar as "forças vivas" à rebelião e que tem mostrado todas as suas simpatias pelos insultadores do presidente da República e por todos quantos veem pregando a necessidade de assaltar o poder revolucionariamente, é um precioso informador, desde que se leia precisamente o contrário do que ele escreve.

Porque esta grande imprensa chegou a esta afinação: quando se quer saber alguma coisa, precisa a gente, não de acreditar o que nos querem fazer supor que é, mas de averiguar qual o interesse que os patrões da respectiva gazeta poderão ter em tal ou tal notícia e tratar então de acreditar exactamente a versão oposta.

Ora *O Século* diz que se trata de uma revolução radical, o que equivale a dizer que são os conservadores que se mexem e se preparam para um golpe de audácia.

Desnecessário será dizer mais uma vez que todo o interesse da população trabalhadora está exactamente em repelir essa tentativa de reacção conservadora. Todos nós sabemos muito bem o que seria uma ditadura dos homens da finança e da Moagem. Como parece terem perdido a esperança de, pelo suborno, obterem a continuação da influência que têm exercido no Estado, agora apelam para um movimento armado para conquistar à bala a posição que perderam e que tinham conquistado por dinheiro.

Ora, como o que menos interessa essa gente é a questão política e só a preocupa a luta económica, a necessidade de se defender das reivindicações operárias, está naturalmente indicado o caminho aos trabalhadores: oporem-se abertamente a toda e qualquer tentativa de força que venha a ser posta em prática pelos elementos reacçãoários. Neste momento, pois, que todos se preparam para receber o choque da horda de especuladores que, não contentes com a exploração que têm feito, se propõem prolongá-la indefinidamente.

Um desastre horrível

Uma explosão de grizu causa a morte de 51 homens

Os mineiros — a classe mártir

Os jornais chegados da América dão-nos a notícia de que se deu no dia 20 de Fevereiro uma grande explosão de grizu na mina City Coal Company em que ficaram soterrados 51 mineiros.

Procedeu-se com grande esforço, ao socorro das vítimas e foram trazidos a superfície dezasseis mortos e vários mineiros feridos. Os mortos achavam-se tão carbonizados que não puderam ser identificados.

As pessoas a cujo cargo se acha o pessoal de socorros, são de opinião que os poucos, ou nenhuns, dos homens soterrados, serão extraídos vivos.

O interior da parte da mina onde a explosão ocorreu, desmoronou-se e os gases são tão densos ali, que impossibilitam os homens de entrar nas secções afectadas.

Quando a explosão ocorreu, achavam-se na mina cerca de 120 mineiros. Pela entrada da mina saiu uma enorme nuvem de fumo preto e os maquinismos do guindaste ficaram destruídos, em parte.

A explosão deu-se na secção nordeste da mina e é ali que os homens se acham soterrados. Os mineiros que se achavam nas outras secções já foram trazidos a superfície.

Para o local do desastre foram enviados grandes troços de pessoal de socorros de todos os campos mineiros da região.

A mina é situada a cerca de meia milha leste de Sullivan.

Afluíram milhares de pessoas o local do desastre logo que a notícia foi espalhada. Foram chamados todos os médicos da comunidade.

As mulheres e crianças dos mineiros soterrados afluíram à mina e formavam um grupo verdadeiramente comovedor, enquanto esperavam, banhadas em lágrimas e trespassadas de dor, conhecer a sorte dos que lhes eram caros.

Calcula-se que 51 mineiros sofreram morte instantânea neste desastre, que é conside-

O Estado lastimável das escolas

O analfabetismo continua a aumentar, sem que o Estado pense em aniquilá-lo

O analfabetismo está aumentando de uma maneira aterradora. O que se está passando entre nós em matéria de ensino, é um autêntico pavor. Uma simples análise a qualquer dos aspectos de tão grave problema, constitui matéria para um libelo tremendo, que envergonharia os dirigentes deste país, se há muito não soubessemos que, afinal, o principal problema é o credo de Judas, é a mais absoluta ausência de vergonha, que caracteriza os mínimos actos das classes dominantes.

Denunciando este verdadeiro escândalo, apenas temos em mira exprimir a nossa revolta, e demonstrar que o nosso silêncio nunca poderá ser cúmplice de tão nefasto crime.

E' o termo. E' um verdadeiro crime deixar que o problema do ensino primário revista o aspecto tão claramente como vamos passar a expor.

E' apoiando-nos nas informações da Direcção Geral de Estatística que passamos a afirmar:

Há actualmente em Portugal, 600 mil crianças que deviam frequentar as escolas. São 600 mil crianças em idade escolar. Pois bem. Dessas 600 mil crianças, menos dum terço vão à escola. As restantes vão aumentar a cifra imensa de analfabetos, o que representa uma nuvem negra a obscurecer as gerações de amanhã.

Causa do mal: a falta de escolas. O Estado, ou quem quer que o representa, não consegue desviar umas míseras milhas da fatia enorme distribuída em esbanjamentos escandalosos com os seus apunhaçados, para atrair de tempos a tempos para uns parcos de que se chama escolas. Se juntarmos a este pormenor, esta outra informação de que há pelo menos 3.000 professores desempregados, ficaremos com uma ideia nítida, gráfica, do estado a que chegou a decadência do ensino em Portugal.

Mas há mais, porque em matéria de escândalo, os dirigentes alcançam ganhar um poder de elasticidade que assombra as sensibilidades mais empedernidas.

O país necessita para a normalidade do ensino, 15.000 professores. Temos 8.000, pouco mais de metade. Pois destes 8.000 professores, 2.000, ou seja a quarta parte, não têm alunos a quem ministrar instrução, porque não há escolas suficientes para a população escolar existente.

Mais ainda. Destas poucas escolas que se mantêm de pé, ou que ainda não fecharam, grande parte delas ameaça ruína.

No ministério de Instrução chovem constantemente reclamações de muitos professores ingénuos, que pedem providências para uma escola, cujas paredes estão em risco de desabar, ou clamando a atenção para um soalho que ameaça de ruína, ou ainda para o telhado, que deixa passar a água para as aulas, como um cesto rito.

Das poucas crianças que vão à escola, muitas não completam a sua instrução, porque os pais não podem mandar ao colégio por falta de vestuário, e alimentação.

Pensou-se numa vasta acção de assistência escolar. Comprou-se em 700 cantinas escolares, o número mínimo para atender às necessidades de momento.

Pois só existem umas 50 cantinas, em risco de não funcionarem por falta de verba, por abandono criminoso.

Querem mais?

Isto que aqui fica exposto, parece-nos suficiente, inultrapassável, mas há mais e muito mais, porque em matéria de ensino o escândalo é como dissemos, elástico, edificante.

rado o maior que se deu nos campos mineiros de Indiana.

O trabalho de remover os mortos procede vagorosamente e os corpos são trazidos um de cada vez.

Os gases que inundaram a mina depois da explosão, tornam muito dificultoso o serviço de socorro.

As notícias mais autênticas do desastre são que a explosão ocorreu nos trabalhos abandonados duma galeria que tinha sido fechada, abrindo entradas antigas onde o grizu se tinha acumulado, e que este foi o acesso pelas lanternas dos mineiros. A maior parte dos mineiros foram soterrados ao lado de fora destas entradas.

Segundo as mesmas notícias, a maior parte das mortes foi causada por queimaduras ou sufocação.

John M. Lowery, de Sullivan, presidente da City Coal Company, achava-se no fundo da mina na ocasião que o desastre ocorreu.

Vários capatazes das minas circunvisinhas e muitos voluntários, desceram à mina num esforço para trazerem os mortos à superfície.

Várias pessoas que já estiveram no centro da mina dizem que alguns dos mineiros se acham sufocados, outros horrivelmente queimados e ainda outros com queimaduras ligeiras, pelo que se julga que a explosão se deu numa espécie de rajada.

Acham-se muitas vítimas amontoadas nas galerias e entradas. Os trabalhos de socorro estão sendo feitos com a maior dificuldade, atendendo à grande quantidade de gás, que está sendo atirado para fora da mina tão rapidamente quanto possível.

UM MONSTRO MARÍTIMO

LONDRES, 11. — O capitão Julius de Lowestof disse que encontrou um monstro marítimo com o peso de seis toneladas, com uma boca com nove decímetros e uma cauda de três metros. O monstro, que o capitão e a tripulação do navio compararam a um elefante, enredou-se nas redes do navio a quinze milhas a leste das ilhas Scilly.

O "leader" trabalhista inglês

LONDRES, 11. — O partido trabalhista elegu por unanimidade "leader" parlamentar o sr. Arthur Henderson.

Os políticos conservadores

Segundo "O Século", vão captar os seus eleitores com feixes de palha

Não ignoramos nós que o que caracteriza a política da maior parte dos conservadores, não é uma questão de bem geral ou de ideais, mas um afincado egoísmo pessoal. Eles bem falam em *Patria* e em *interesses nacionais*, mas quem atentar bem vê logo que por detrás dessas palavras apenas se move o interesse pessoal ou de família.

Mesmo a sua aversão às ideias modernas, ou que modernas parecem, não fundo outra coisa não é mais do que o receio de se verem preferidos no campo dos interesses.

Quando transigem com qualquer renovação política, quasi sempre, o fazem mais por interesse do que por convicções. E' assim que vamos encontrar em alguns partidos, considerados mais liberais, criaturas cujo liberalismo dá vontade de rir.

Há, é certo, nos partidos conservadores, uma ala de rapazes aristocratas, ou que por aristocratas pretendem passar, que põem uma certa dose de romantismo, que se confunde às vezes com ideal, na sua maneira de lutar.

Mas, quasi sempre, isso é preconceito de família, nota frívola de elegância, e uma errada visão da atitude do povo trabalhador que eles tinham obrigação de conhecer e estimar melhor, porque é, afinal, a base do seu fausto e riqueza.

Tudo isto nós sabemos, mas sempre temos ouvido o conservador apregoar o *elixir* dos princípios junto do seu eleitor; e até admitimos que o político conservador, com uma certa ilustração, podia revestir de aparentes razões de ordem moral o seu credo político. Pois estas últimas iluzões acabam de ser desfeitas ali pelo dr. Trindade Coelho, que, em artigo do *Século*, *carreirismo*, vem denunciar a psicologia do conservador, com um aspecto tão mercantil e prático, que *declara ser necessário e urgente pôr diante do eleitor dois feixes de palha!*

Nada menos, dois feixes de palha! ... Em vez de promessas de boa administração — ele o diz — *palha, palha!* ... Nada aquilo já tão baixo, que os homens não fazem cerimónia, e, em fundo de jornal, exteriorizam, assim, o seu pensamento utilitário.

Não sabemos se haverá algum outro país onde a craveira mental do político conservador assim seja definida.

Todavia, não vão os leitores supor que fantasiamos — passamos a transcrever parte do mencionado artigo.

Vem no *Século* de anteontem. Depois de várias considerações sobre política conservadora, o sr. Trindade Coelho escreve isto:

E o necessário e urgente é isto: é colocarmos diante de cada eleitor, não as estafadas promessas de uma administração, mas estes dois feixes de excelente palha (salvo seja) a defesa do seu rico corpo e a defesa do seu rico interesse. O resto — histórias. No dia em que uma força conservadora garantir o interesse e o corpo do eleitor, a batalha está ganha. O resto — utopias.

Como vêem a situação é clara. Para eles, políticos conservadores, não existe nem bem do país, nem colectividade, nem mais nada além do seu interesse pessoal.

Palha! Palha! Que é como quem diz: Interesse! Interesse!

Nós já sabemos que isto de política, conservadora ou não conservadora, era uma questão de... palha.

E', assim, o idealismo deles... O que não esperávamos era que um idealista, como se dizia o sr. Trindade Coelho, viesse sancionar uma fórmula tão... pouco ideal...

Demais a mais também temos *O Manual Político*, que um outro Trindade Coelho escreveu, e não encontramos ali qualquer opinião que nos ensinasse a considerar os *feixes de palha* como conceitos de civismo.

Sinais dos tempos... como diria o monarquíssimo sr. Moreira de Almeida.

Greve dos mineiros no Canadá

A inundação das minas impedirá a sua exploração por muito tempo

LONDRES, 11. — Dizem de Montreal que se torna absolutamente necessário que os empregados de escritório que têm estado a fazer trabalhar as bombas da Nova Escócia, sejam substituídos por trabalhadores habituados a aquele género de serviço. Os empregados de escritório viram-se forçados a accionar as bombas porque os grevistas abandonaram por completo as minas que estão sendo inundadas, o que dará em resultado que a sua exploração só poderá continuar a ser feita depois de muitos anos de trabalho.

CONFERÊNCIAS

«As associações de socorros mútuos no actual período de transição monetária»

Na sede da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria, rua da Palma, 237, realizou hoje, às 21,30 horas, a sua anunciada conferência sobre «As associações de socorros mútuos no actual período de transição monetária» o sr. António Joaquim Simões de Almeida.

Reunião de militantes

Prosegue hoje, às 21 horas, a série de reuniões de todos os militantes sindicalistas revolucionários dispostos a defender a orientação demarcada pelos congressos de Coimbra e da Covilhã, devendo considerar-se convidados todos os elementos concordantes.

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA" VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

O valor intrínseco do Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

O segundo congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, a realizar em Amsterdam, trouxe de novo ao terreno da discussão o conceito libertário e autoritário de que, o sindicalismo está embuido, e que por vezes, assume um carácter de verdadeira paixão.

A organização operária portuguesa, aderente por "referendum" ao organismo que vai reunir na capital da Holanda, tem uma grande responsabilidade no acontecimento que vai decidir a marcha do movimento operário revolucionário, e onde a Central Portuguesa procura ter uma representação directa.

Digamos, pois, alguma coisa sobre os seus antecedentes.

A existência da A. I. T. tem as suas determinantes no insucesso das negociações dos sindicalistas revolucionários de Berlim com os sindicalistas de tendência marxistas concentrados na Internacional que tem a sua sede em Moscovo.

Essas determinantes, parecendo superficialmente esporádicas, são fundamentalmente filhas das concepções de liberdade e autoridade que se chocaram na velha Internacional entre as duas tendências personificadas em Miguel Bakounine e Karl Marx.

Com o desaparecimento deste organismo e agravado com a crise que a guerra provocou em todas as escolas socialistas, o sindicalismo negou por vezes o seu valor dinâmico, parecendo mergulhar-se numa fase estática.

Porém, o post-guerra reacendeu de novo a luta, abriu novas crateras no vulcão socialista e o sindicalismo aparece novamente triunfante e aguerrido.

Já aqui os continuadores da obra e pensamento bakouninista se apressavam para formarem a nova Internacional quando os sindicalistas de tendência marxista se organizavam internacionalmente.

Todas as atenções então convergiram para o novo organismo, mas em breve a expectativa foi profundamente traída. O pensamento marxista afirmava-se pujantemente pela rigidez da sua estrutura.

Experimentalmente ninguém podia duvidar da inextinguibilidade dos seus processos e do carácter absolutamente autoritário das suas fórmulas. O sindicalismo português, expresso na tese «Organização Social Sindicalista», definia no congresso da Covilhã a sua personalidade ideológica, rasgadamente libertária, estando-lhe por isso vedada a aceitação dos princípios advogados em Moscovo.

Procurou-se então que a revisão estrutural da Internacional nascida se fizesse, ampla e inofensiva, de modo a preservar o movimento sindicalista dos perigos que continha. Tal não se operou, nem era fácil conseguir-se.

Não se tratava de fórmulas, mas de fundamentos. A razão da sua estrutura era a própria razão da sua existência. Modificar essa estrutura implicava fulminar a própria Internacional.

Em prosa fluente, resumindo revolucionarismo agitou-se, o princípio da unidade sindical como a salvação do proletariado. Mas a unidade teria que ser realizada no âmbito marxista e dentro dos moldes que manietava toda acção libertária, que traíam todo o espírito federalista.

A reacção como era de esperar foi tremenda, e o movimento operário em alguns países scindiu-se, perdendo o carácter de classe, para assumir o de tendência.

Surgiu, como consequência deste embate, a Associação Internacional dos Trabalhadores, vulgarmente conhecida por Internacional de Berlim, de princípios perfeitamente integrados na psicologia do nosso operariado e no espírito da carta da Covilhã, sequência da carta de Amiens que tem servido de bússola ao sindicalismo português.

O pensamento que animou os fundadores da primeira Internacional revivescia no seu valor intrínseco e era abraçado pelo operariado português por uma esmagadora maioria.

Veremos depois a personalidade revolucionária da A. I. T. na luta contra o capitalismo.

Promete ser imponente a sessão de amanhã na Sociedade de Geografia a favor da educação nacional

O movimento a favor da educação popular iniciado pela Associação dos Professores de Portugal, que vai entrar agora numa intensa fase de actividade, calou fundo no ânimo do operariado.

Como sabem, em Agosto do ano findo, numa imponentíssima sessão realizada na sala Alvarde da Sociedade de Geografia, foi nomeada uma comissão encarregada de estimular e de levar a efeito esse movimento nacional de educação.

Essa comissão vai amanhã, na Sociedade de Geografia, dar conta do seu mandato e consultar o povo de Lisboa sobre os objectivos do movimento. Vários alvíres serão apresentados nessa sessão. E' necessário pois, que o povo se faça representar largamente, visto que dos seus interesses, a sua educação mental, se tratará.

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa convida, por intermédio de *A Batalha*, o povo trabalhador de Lisboa a comparecer nessa sessão que terá lugar pelas 21 horas.

Comunica o mesmo organismo a todos os operários que queiram pelo menos com a sua competência contribuir para o desenvolvimento da educação popular que se encontram à disposição do operariado bilhetes de entrada nos seguintes locais: União do Professorado Primário, rua Nova da Trindade, 94; Quiosco Sanches, praça dos Restauradores; Sindicato Unico do Mobiliário, Travessa de Agua de Flor, 16, 1.º; Sindicato do Arsenal de Marinha, Calçada da Graça, 12; administração de *A Batalha* e sede da U. S. O., Calçada do Combro, 38-A, 2.º.

Também o Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa, intérprete da mocidade operária da capital, convida os jovens trabalhadores a não faltar a essa importante sessão a favor da educação nacional. Na sede do Núcleo também se encontram bilhetes à disposição dos jovens que desejem acorrer à Sociedade de Geografia.

SEMANA DA CRIANÇA

Reúne hoje na Biblioteca Nacional, pelas 15,30 horas, a Comissão Organizadora da Semana da Criança na capital.

No mesmo local, pelas 17 horas, há também uma reunião de jornalistas aos quais serão expostos os fins da Semana da Criança, assentando-se na melhor forma de cooperação da imprensa na Semana.

Realizou-se ontem o funeral de Angela Pinto

O povo acorreu com alvoroço, produzindo uma tocante manifestação de saudade e dando ao acto grande imponência

Os funerais, quasi todos os funerais, são uma farça. Essas manifestações fúnebres que vão de casa de quem morre até ao cemitério possuem mais exibicionismo do que sinceridade; o sentimento substitui-se por uma estultícia vaidade; o sentimento é convencional; não toca o coração, não se faz com penetração sofrimento mas com tecidos negros de lã e seda. E, quando o fúnebre é dum morto que teve nome repetido e incensado em letra redonda, então muita gente vai só para ter, após um dia, seu nome citado nos jornais.

O funeral de ontem, não excluindo aquela porção de comédia que se envolve em quasi todas as tragédias, o tufismo que inevitável se imiscue em todos os acontecimentos colectivos, foi uma afirmação de simpatia sincera pela actriz que já não existe, de dor profunda pela pobre e amargurada mulher que morreu. O povo, tão sistematicamente ardeado de todos os funerais, apareceu no dia de Angela e deu com sua presença uma afirmação de dor cheia de simplicidade e de encanto.

E não iam só os operários. Iam os humildes, os esfarrapados, aqueles que têm no seu eterno anonimato escrito as mais belas e abnegadas páginas humanas. Se Angela Pinto era a irmã de todos eles, uma irmã genial que nem mesmo os esplendores da fortuna — quando os possuiu... — palácios, carruagens, criados, a afastaram, lhe fizeram esquecer as que ela tão ardentemente amou.

E' preciso subir-se muito para se ter visto o coração dos eternamente pobres, dos eternamente ignorados, E, contraste flagrante, ao lado desses humildes, iam os que toda a gente conhece, os que toda a gente vê, que através de todo o percurso eram apontados pelos que assistiam ao desfile, murmurando seus nomes que corriam, de boca em boca, até ao cemitério.

Todos, os ignorados e os célebres, ali iam, immanados no mesmo sentimento, unidos no mesmo sentimento, unidos na mesma intenção.

Angela Pinto não deixou inimigos. O grande lugar que teve no teatro não o roubou a ninguém, conquistou-o, não com intrigas e imorais protecções, mas a golpes de talento. Conquistou-o, impondo-se pelo seu grande valor que ela quasi desdenhou, maltratando-o algumas vezes ao acaso das suas grandes ternuras e de seus singulares caprichos. Não lisongeou a crítica e a crítica reconheceu-lhe o seu talento, não lisongeou o público e este muitas vezes se ergueu, fremente, a aclamá-la, vivendo com ela os seus papéis, sofrendo se ela sofria, chorando se ela chorava, rindo-se quando ela queria fazer rir. A mulher foi tão popular e tão amada como a actriz. Sua vida, real ou imaginária, circulou em infinitas anedotas, em longas conversações, anedotas que sempre glorificavam a artista, conversações que eram louvores, elevando uma mulher.

Com Angela a maledicência não conseguiu seu abjecto triunfo. Se uma história polvilhada de pitoresco e malícia, dessas histórias que fazem corar as virgens e indignar os moralistas, ela era logo modificada de maneira a tornar simpática aquela a quem se procurava denegrir. Se Angela Pinto até no que nela pudesse existir de real e aparente desequilíbrio era excepcional, fora da bitola, se era Angela...

Assim, em grande correm sobre Angela Pinto lances abnegados, cenas do mais re-

CRIMES DA POLICIA

O bárbaro assassinato do bêco da Galheta

O herói gosa a liberdade, passeando tranquilamente

O polícia que assassinou bárbara e cobardemente, no bêco da Galheta, o operário Manuel de Brito, anda à solta, passeando livremente pelas ruas, gosando em tranquilidade a sua hedionda façanha. Um detalhe curioso: traz o número tirado, talvez para que ninguém ao fitá-lo, não acabe por o apontar a dedo, como uma criatura que só repugnância inspira.

A confirmar a sua impunidade, informações que no suposto inquérito que se está fazendo no governo civil, foram dispensadas algumas testemunhas das que *A Batalha* indicou e que presenciaram o crime.

Dissemos ontem que tinha desaparecido da carteira do operário Manuel de Brito, cerca de 200 escudos. O dinheiro não apareceu, e com certeza não aparece, pois ontem já foi entregue à família a carteira e os objectos que se encontravam nos bolsos da vítima da selvageria policial.

O cabo 140 andou anteontem por Alcântara apreendendo *A Batalha*. Os operários que regressavam do trabalho, foram assaltados pelo cabo que brutalmente lhes arrancava das mãos os exemplares do nosso jornal. Extranha manifestação de remorso que foi afinal uma manifestação de estupidez, da clássica estupidez policial.

Um assalto misterioso

Um operário atacado por três desconhecidos armados de punhais

Ontem, pelas 0 horas, quando Francisco Martins, que saíra da secção metalúrgica da Juventude Sindicalista, regressava a casa, foi cobardemente assaltado por três desconhecidos armados de punhais, não tendo sido ferido, por lhes ter feito frente habilmente, pondo-os em fuga.

Podem os que pertencem a um organismo de educação, como a Juventude Sindicalista, estar à mercê de ódios, que se desenvolvem apenas ao ambiente de terror e desconfiança que a polícia lhes criou com perseguições injustificadas?

passado sacrifício, quasi todos verdadeiros, todas elas erguendo a grandes alturas a pobre mulher que, dois anos depois de nela ter morrido uma grande e inolvidável artista, não foi esquecida pelo povo.

Se não haviam de lá estar os humildes... E são eles, mais do que os grandes e pequenos nomes do jornalismo e da crítica, que não de perpetuar a memória da que foi tão grande e tão humana...

Quasi sempre, quando uma actriz morre todo o seu esplendor cessa e o esquecimento rapidamente substitui a notoriedade. Que documentos dá uma actriz do seu talento, do seu genio? A sua voz, a sua máscara, os seus gestos, as suas atitudes. Quando a morte vem tudo desaparece: voz, máscara, gesto, atitudes. Adeus celebridade. Só um nome fica citado, de longe em longe, por um ou outro erudito que poucas pessoas leem nome que se não morre no mesmo dia morre na indiferença com que é pronunciado.

Angela Pinto, vivendo no coração do povo, morando no coração dos humildes, não esquecerá, não morrerá...

Que dizer do seu funeral? Dizendo que estava lá o povo, dissemos quasi tudo. Estavam também os seus camaradas de teatro, os mais antigos como Brazão, José Ricardo, Chaby Pinheiro, Lucinda Simões, Amelia Barros, Augusto de Melo, testemunhas das suas glórias, companheiros dos seus triunfos; as mais recentes que, algumas delas, a iam ver ao teatro, e sonhavam com o dia em que a sua hora também chegasse...

No cemitério, junto ao jazigo dos artistas dramáticos, aglomerou-se muita gente que dificultou bastante a cerimonia do enterramento. Quando ela acabou era bastante tarde, tendo-se suprimido por isso alguns dos oradores que deviam falar junto à campa.

O primeiro discurso foi o de Lucinda Simões. Simples, tocante, sincero. Algumas palavras de profunda saudade, em seu nome e no de todos os artistas que dignificam a scena portuguesa.

Carlos Selvagem, em nome dos autores dramáticos fez o elogio da grande actriz, descrevendo a sua gloriosa carreira e as suas geniais interpretações. Do mesmo modo falou Matos Sequeira pelos críticos.

Augusto Melo pronunciou, em nome dos sociários do teatro Nacional, um discurso repassado de grande sentimento.

Feliciano dos Santos em nome da A. C. T. evocou também a solidariedade que Angela Pinto sempre prestou aos mais humildes trabalhadores do teatro.

Alexandre Rosado, em nome da Associação dos Compositores Tipográficos, depois de salientar que o seu sindicato raramente se faz representar em funerais de pessoas estranhas à classe, disse:

—Ninguém melhor que a grande e desventurada Angela merece esta nossa homenagem. Angela amou os humildes e foi para os operários uma verdadeira amiga. Foi grande o interesse que ela sempre manifestou pela redenção da humanidade sofredora.

Algumas frases recordando as últimas amarguras da sua vida:

—Angela Pinto sofreu muito; quasi todos a abandonaram. Não insistimos nesta recordação para não acusarmos. Mas, a sua última carta diz tudo.

E quem sabe se não lhe teriam abreviado a morte? Quem a vê?

Não queremos misturar a nossas lágrimas

Agenda de A BATALHA

| CALENDARIO DE MARÇO | | | | | | |
|---------------------|----|----|----|----|----|----|
| Q. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| Q. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| S. | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| S. | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| D. | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| S. | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 |
| D. | 31 | | | | | |

CAMBIO

| Países | Compra | Venda |
|--------------------------|--------|-------|
| London, 10 dias de vista | 12.00 | 12.00 |
| Paris, cheque | 12.00 | 12.00 |
| Amsterdã | 12.00 | 12.00 |
| Bruxelas | 12.00 | 12.00 |
| Genebra | 12.00 | 12.00 |
| Holanda | 12.00 | 12.00 |
| Madrid | 12.00 | 12.00 |
| New York | 12.00 | 12.00 |
| Brasil | 12.00 | 12.00 |
| Suecia | 12.00 | 12.00 |
| Dinamarca | 12.00 | 12.00 |
| Praga | 12.00 | 12.00 |
| Buenos Aires | 12.00 | 12.00 |
| Vienna (1 shilling) | 12.00 | 12.00 |
| Restauração ouro | 12.00 | 12.00 |
| Agio de ouro % | 12.00 | 12.00 |
| Libras ouro | 12.00 | 12.00 |

ESPECTACULOS

TEATROS

Est. Carlos - A's 21, 30 - Ninho de Aguias

Ser Cuts - A's 21, 30 - O Solar das Barrigas

Nacional - A's 21, 30 - Paddy the next best thing

Trindade - A's 21, 30 - A Massaroca

Bellicoso - A's 21, 30 - Mola Real

Epilo - A's 21, 30 - O João Ralado

Juvenia - A's 21, 30 - Irma's e A. Clidada

Maria Vitoria - A's 21, 30 - O Sonho Deus

Cellulo das Recreio - A's 21 - Companhia de circo

A's 15 - Matinee

Salto Tor - A's 21, 30 - Variedades

Il Vicente (A Graça) - A's 21 - Anígrafo

Erreito Parque - Todas as noites - Concursos e diversões

CINEMAS

Olimpia - Chiedo Terrasse - Salto Central - Cinema

Condes - Salto Ideal - Salto Lisboa - Sociedade Promotora de Educação Popular - Cine Paris - Cine Isgracia - Chantelero - Tivoli - Tortoise - Gil Vicente

MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Diana" da Mala Real Inglesa são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, efectuando da caixa geral a ultima tiragem de correspondências registadas ás 9 horas e das ordinárias ás 11 horas.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas ócas e mactinas, tubos, molas, chaminés do 2 e 3 peças, impões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 35 e quiosque.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata de A. a casa que fornece em melhores condições.

LIMAS

As melhores são as de "União".

Tomar Feiteiras, Vieira de Leiria - Pedir em todas as lojas de ferragens.

Em preços e condições favoráveis e com as melhores marcas registadas e com garantia.

Fedidos aos melhores Representantes e Depósitos em Lisboa e no estrangeiro: Lda - Calçada do Marquês de Abrantes, 138 - Telef. C. 1302

CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Depósito Geral de Lanifícios

267, 268 e 269 - Rua dos Vinheiros, 1.º, 2.º e 3.º

Venda directa ao público de CHEVIOTES para 17500 cada metro

FATOS DE FANTASIA

o deserto e o espaço. Um vento furioso, trazia com os seus bramidos surdos e prolongados uma briza tão aborazadora como a exalação de uma fomalha; uma nuvem de abutres voando muito rasteiros, fugiam diante da tempestade, pouzavam, permaneciam imóveis, arquejantes e soltando gritos lastimosos. De repente o sol, cada vez mais obscurecido, desapareceu, encoberto por uma imensa nuvem de areia encarnada, que encobria o céu e a terra, avançava com a rapidez do raio, levando adiante de si os chacais e os leões; uivando de espanto, eles passaram assustados na distância de alguns passos de Fergan e de sua família.

— Estamos perdidos! exclamou o cabouqueiro, é uma tromba!

Mal o servo acabara de pronunciar estas palavras desesperadas, quando se viu envolvido num turbilhão de areia, fina como a cinza, densa como o nevoeiro; o terreno, agitado, agitado pela força irresistível da tromba, movia-se, abismava-se debaixo dos pés de Fergan, que desapareceu com sua mulher e seu filho, sob uma onda de areia, porque o furacão escavava, levantava as areias do deserto, como a tempestade escava, e levanta as águas do Oceano.

A cidade de MARHALA, como todas as cidades do Oriente, era cortada por muitas ruas estreitas, tortuosas, orladas de habitações caiadas e com raríssimas e pequenas janelas; numa ou noutra parte o zimbório de uma mesquita ou o cimo de uma palmeira, plantada no meio de um pátio interior, rompiam a uniformidade da linha formada pelos terraços que serviam de telhados às casas. Havia quinze dias que a cidade de MARHALA tinha caído em poder dos cruzados, comandados por BOHEMUNDO, príncipe de Tarento, depois de um cerco mortífero; as fortificações da cidade, arruinadas pelas máquinas de guerra, não ofereciam em muitos sítios mais do que um montão de ruínas, donde saía um cheiro pestilento causado pela putrefacção dos corpos dos sarracenos soterrados debaixo das ruínas das suas muralhas.

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

E' infensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

Pó Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente das blenorragias crônicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico opera dor ur. er. Cristiano de Moraes.

Calça 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão, 49

LISBOA

TELEFONE 2554

PURGAÇÕES

Cura rápida e radical com a GONOSINA

Único específico que não causa aperto de uretra

FARMACIA OLIVEIRA — 238, Rua da Praia, 240

Políclínica da Rua do Jardim do Tabaco, 90

Dr. Helder Gomes, Cirurgião dos Hospitais—Operações, as 3 horas.

Dr. Helder Gomes, Assist. da Fac. de Med.—Doenças das mulheres, as 2 horas.

Dr. Antonio de Meneses, Ex-Ass. do Oscar Helene Hein em Berlin—Osteopatia (Deformidades e paralíticas em crianças e adultos. Tuberculose dos ossos). Fisioterapia (Eletroterapia, massagem, luz, etc), as 5 horas.

Dr. Barbal Camacho, Assist. da Fac. de Med.—Clínica geral. Doenças nervosas, as 3 horas.

Dr. Caspary de Hincides, Ass. da Fac. de Med. Ex-Ass. do Prof. Strauss em Berlin—Medicina geral. Doenças do estomago, intestinos e fígado. Endoscopia. Dietética, as 2 horas.

Dr. Eufremida Teixeira, Ass. da Fac. de Med.—Doenças das mulheres, as 1 hora.

Dr. Francisco Martins, Ass. Livre da Fac. de Med.—Doenças das crianças as 3 horas.

Dr. Moraes Carbone, Ex-Ass. do Prof. Ladassohn em Berlin—Doenças da pele e sífilis, as 2 horas.

Dr. Moraes David, Ass. da Fac. de Med.—Corações pulmonares. Clínica geral, as 4 horas.

Dr. Renato Rinaldo, Monitor do Hosp. Neckar em Paris—Doenças dos rins e vias urinárias, as 4 horas.

Dr. March Milhas, da Fac. de Med.—Análises clínicas, na Fac. de Med.

Dr. Helena Calado, "Chefe de Lab."—Análises clínicas, na Fac. de Med.

Dr. Renato Guedes, Director de Radiologia no Hosp. escolar—Raios X. Rádio.

Madeiras

Taboado 12 palmos. Solho à Portuguesa. Fôrro em tóco e aparelhado. Preços sem competência.

Vasco Mourão

Rua Nova do Carmo, 35, 2.º

IMPOTÊNCIA

Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura do Dr. R. Wolff-Berlin

Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem efeitos secundários. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes das tentativas substanciais indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos secundários nos rins.

Resultados garantidos para ambos os sexos

Numerosas confirmações individuais e atestas, assim como atestas médicos.

Envia-se oculto—Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00.

N.º 188 da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:

Em Lisboa: A. MARINHO, LIMIT., R. Eugénio dos Santos, 86 a 93.—Farmácia DURÃO, R. Garrett, 30.

No Porto: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 31 de Janeiro, 205.

IMPORTANTE

SEGUROS MARÍTIMOS

A MUNDIAL participa a todos os seus clientes que celebrou contratos com os mais importantes reassuradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices flutuantes.

Dirigir-se a

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado, Esc. 500.000\$00 — Reservas, Esc. 749.031\$60,9

Sede em Lisboa: Rua Garrett, 95 — Tel. 3894

Delegação no Porto: Rua Sá da Bandeira, 331, 1.º

Valério, Lopes & Ferreira, L.º

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Métals, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras, — guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

64, R. DO AMPARO, 86—LISBOA — TELEFONE 3930, N.º GRAMAS, FERRAGENS

CARVÃO CARDIFF E NEWCASTLE

CARVÃO ANTRACITE E COKES

Carlos Napoleão de Carvalho

Importador Carvão REPRESENTANTE DOS EXPORTADORES TABB & BURLINGTON LTD. DE NEWCASTLE—CARDIFF—HULL

TELEFONE C. 5897

83, Rua Augusta, 87—Lisboa

António Fraga, Suc.º

OURIVES-JOALHEIRO

Rua da Palma, 6 a 12

Lembro aos meus amigos e fregueses que continuo vendendo todos os artigos de ourivesaria e joalharia, por preços com os quais ninguém pode competir, embora haja quem se incorde por eu estar vendendo tão barato. Peço uma visita à minha casa. Tenho andas com peças muito bonitas e mais barato vendem. Há sempre artigos em 2.º mão renovados com pouco feitiço.

Não confundir, primeira casa Fraga, subindo a rua da Palma

TELEFONE 3676 NORTE

ASSINEM

Os Mistérios do Povo

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a Igreja 1\$00

Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura 50¢

Jose Prat — A burguezia e o proletariado 50¢

Content — Contra o confunismo 30¢

Alfredo Neves Dias — Razão (poema social) 30¢

Landauer — Social Democracia 30¢

R. Mela — O principio do fim 30¢

*** A maçonaria e o proletariado 30¢

J. Most — Peste religiosa 50¢

J. Rio

Trovas da noite 1\$00

Definições sociais 50¢

Contos dum revoltado 1\$00

Roberto o Pescador 1\$00

*** Carnet de Pensamento 20¢

Bakunine — No sentido em que somos anarquistas 50¢

Chueca — Como não ser anarquista 50¢

B. Lazare — A Liberdade 50¢

J. Etrevant — A minha defesa 50¢

Kropotkin

A mocidade 50¢

Os bastidores da guerra 30¢

Moral anarquista 30¢

J. Guedes — Dos Salários 30¢

Brian — A greve geral 30¢

Roland — Rússia Nova 30¢

*** O sindicalismo e os intelectuais 30¢

D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário 50¢

A. Hamon — A crise do socialismo 1\$00

J. Santos — A transformação da sociedade 50¢

Neno Vasco

Georgicas 30¢

Greve de inquilinos, teatro 1\$00

Domela — Patria e Humanidade 30¢

*** Proletariado Histórico 1\$00

REVISTAS

Escola Nova, da Ass. dos Professores de Portugal 30¢

La Revista Blanca em espanhol 1\$00

Renovação, vários soltos 1\$50

EM ESPANHOL

Rodolfo Roher

Artistas e Rebeldes 1\$00

Bolshevismo e anarquismo 1\$00

*** La Cris do anarquismo 1\$00

Jose Torralva — La Revolucion 1\$00

Lelio O. Zeno — Problemas universitários 2\$00

La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura, Cada número 2\$00

AS MELHORES MEIAS

MAIS RESISTENTES E MAIS BARATAS

são as da rua dos Sapateiros, 70, 2.º

ACREDITA:

A fraqueza geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só têm um inimigo poderoso

A

NUCLEO CALCINA

TÓNICO ENERGIZANTE E SCIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIO DO SYMPTOM TONOTONINO

Draca dos Restauradores, 18 LISBOA

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 30\$00

Sapatos em verniz 38\$00

Botas pretas (grande saldo) 48\$50

Botas brancas (saldo) 28\$00

Grande saldo de botas pretas 28\$50

Botas de cor para homem 40\$50

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa

Vê bem, pois só lá encontra bom e barato.

A Social Operária e na rua dos Cavaleiros, 16-18, com Filiz na mesma rua, n.º 68.

Lêde o Suplemento de "A Batalha"

Aos Marceneiros

Guarnição, fletres e gaveta boa, m... 25¢

grade e soco, m... 25¢

Cinzeiros diferentes feitios, desde m... 25¢

Maçanetas azeite 12-3 desde C... 25¢

Balustres c/ 4-6-8-9... 25¢

Pes amarelo c/ 5-6-8-9... 25¢

Colunas mesa cabeceira, c... 25¢

Madeiras serradas em almofadas e 25 m/ 35 e 75 em urmo, ameio, cedro, freixo, nogueira rixo e macanilha, m/ 3, desde... 50¢

Pinho serrado, 3 flos, 3-4 flos macanilha, — Ferragens para móveis, Cal, areia, cimentos e mosaicos. Preços baratos Remete para a provincia.

Campo dos Mártires da Pátria, 68

— J. FERREIRA —

MOLESTIAS DE PELE

As feridas, impigens, herpes e outras doenças de pele, CURAM-SE facilmente com a unguento e cremes Pomada de salicilato de chumbo composto de Alberto Velaz, farmacêutico

Depósito geral: Farmácia Figueiredo 42, rua dos Retrozeiros, 42

MENINAS

e todas as donas de casa

que desejem mudar os seus vestidos de cor escura para mais clara, podem fazê-lo comprando um tubo do famoso **Desodorante "Lipsia"** tingindo-os depois na cor que desejarem com as anilinas **"WIKI-WIKI"**.

Cada tubo indica em português a maneira de se usar.

Este **desodorante**, assim como as anilinas **"WIKI-WIKI"**, encontram-se à venda em todas as boas drogarias de Portugal e no depósito geral:

Rua da Madalena, 113, 2.º

TELEFONE C. 5507

Sampaio & Rodrigues

CAMAS E COLCHÕES

ninguém vende mais barato

RUA POAIS DE SÃO BENTO, 37

Políclínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 91

Para as classes pobres

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 4 horas

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas—4 horas

Refe. vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—4 horas

Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e as 5 horas

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Lovi—1 hora e meia

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas

Doenças das crianças—Dr. Cordeiro Pereira—2 horas

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Romão—3 horas

Bom e dentes—Dr. Armando Lima—4 horas

Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas

Rio X—Dr. José de Pádua—4 horas

Análises—Dr. Gabriela Bentes—4 horas

Aos marceneiros

Madeiras secas serradas, optimas dimensões. Preço sem competitor.

Vendem-se: castanho, freixo e nogueira

A. PIRES

Azinhaga da Torrinha, ao Rêgo

JOIAS

Barreto & Gonçalves, L.º

Ouivesaria e joalharia

Compram e vendem brilhantes, perolas, platina, ouro, prata, objectos de arte e antiguidades

TELEX 3759 NORCE

RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 17 (Antiga R. de Santo António) LISBOA

Lêde o Suplemento de A BATALHA

CAPAS DE OLEADO —DESDE 60\$00

OPTIMAS qualidades. Nova fábrica de José Ferreira Gomes, Lda., R. do Vale de Santo António, 55 — Telef. 3315-C.

Aos Marceneiros

Guarnição, fletres e gaveta boa, m... 25¢

grade e soco, m... 25¢

Cinzeiros diferentes feitios, desde m... 25¢

Maçanetas azeite 12-3 desde C... 25¢

Balustres c/ 4-6-8-9... 25¢

Pes amarelo c/ 5-6-8-9... 25¢

Colunas mesa cabeceira, c... 25¢

Madeiras serradas em almofadas e 25 m/ 35 e 75 em urmo, ameio, cedro, freixo, nogueira rixo e macanilha, m/ 3, desde... 50¢

Pinho serrado, 3 flos, 3-4 flos macanilha, — Ferragens para móveis, Cal, areia, cimentos e mosaicos. Preços baratos Remete para a provincia.

Campo dos Mártires da Pátria, 68

— J. FERREIRA —

MOLESTIAS DE PELE

As feridas, impigens, herpes e outras doenças de pele, CURAM-SE facilmente com a unguento e cremes Pomada de salicilato de chumbo composto de Alberto Velaz, farmacêutico

Depósito geral: Farmácia Figueiredo 42, rua dos Retrozeiros, 42

— Pareces-me uma rapariga esperta. Como te chamas e que idade tens? — Tenho desoitto anos e chamo-me Pedrinha a Ribalda. — Ter-te-hia adivinhado o nome pela cara; gosto de ti, ficarás comigo. Entretanto, diz-me, serás boa companheira, não és de bulhas nem ciumenta? — Ah! hei de ter aqui companheiras? — Sim. — Entendo... Mas quanto mais olho para você, honrada matrona, mais me convengo de que já a vi algures... Não tinha você em Antioquia uma taberna chamada a Cruz da Salvação? — Não te enganas. — Ah! devia ter ganho ali sacos de dinheiro. Que vida não passavam em sua casa os cruzados com as suas lindas educandas, venerável patroa! — E que vida era a tua em Antioquia? — Estava apaixonada por um rei! — Estava grávida comigo, menina; não há rei na cruzada. — Já se esqueceu do Rei dos vagabundos? — O que! o chefe daqueles bandidos? daqueles esfoladores, comedores de carne humana? — Esse mesmo; mas antes que ele fosse chefe dos vagabundos já eu o amava debaixo do modesto nome de Corentino Escarnere da Força. Ai de mim! que será feito dele? — Então deixaste-o? — Sim, deu-me um dia isso na mania, e a rainha das ribaldas deixou o rei dos vagabundos por um duque. — Um duque de pobretões? — Não, não, um duque verdadeiro, o mais formoso dos duques, WILHELM IX! — O duque de Aquitania! — Sim. Era em Antioquia, depois do cerco. WILHELM IX passava a cavalo pela praça; ri-se para mim estendendo-me a mão, eu puz-lhe um pé na ponta do botim, e dando um pulo sentei-me no arco da sela:

assim me conduziu ao seu palácio e ali... viva o amor e o vinho de Chipre! — E depois começou a rir às gargalhadas, como se lhe tivesse ocorrido uma ideia. — De que te ris tu? perguntou a megera; de alguma boa peça? — Nesse mesmo dia, em que me levava a cavalo, sucedeu passar junto de nós uma liteira, onde ia uma senhora muito linda, o meu devasso vendo-a, esquecido daquela que o acomanhava, volta o cavalo e segue a liteira; eu receando que ele me puzesse no chão, desprezando-me por outra mulher, disse a WILHELM IX: «Que tesouro de beleza não é aquela Rebecca, a judia que acaba de passar na liteira!» Ah! ah! matrona, acrescentou Pedrinha a Ribalda, tornando a rir às gargalhadas, graças a esta feliz mentira, o meu devasso voltou de novo a redea ao cavalo e tomou a galope para o seu palácio, fugindo da liteira tão horrorizada, como se tivesse visto o diabo; foi esta a maneira porque, naquele dia ao menos, conservei o meu duque e passamos uma bela noite. — Ah! mas o teu rei? — No mesmo dia desta aventura partiu de Antioquia com os vagabundos para uma expedição; depois nunca mais o tornei a ver. — Oh! oh! minha amiga! em troca do rei achaste o duque; ele está aqui! este é o seu palácio. — O palácio do duque de Aquitania? — Este palácio era do emir de MARHALA; depois do cerco da cidade, WILHELM IX tomou posse dele, dá esta noite uma função a muitos senhores, à flor dos cruzados; quasi todos, eles são antigos fregueses da minha taberna: ROBERTO, duque de Normandia, HERACLIO, senhor de Polignac; BOHEMUNDO, príncipe de Tarento; GERHARDO, conde de Roissillon; BURCHARDO, senhor de Montmorency; WILHELM, senhor de Sabran; RADULFO, senhor de Beaugency; HEBERHARDO, senhor de Haut-Poul e outros alegres convivas, não menos amantes da dança que do vinho de Chipre e dos dados. Portanto, para agradar aos seus hóspedes, o



AS GREVES

O conflito entre armadores e marítimos de Olhão agravado por um ardo dos primeiros

OLHÃO, 10.—O conflito latente entre armadores e marítimos, está a agravar-se por culpa dos armadores.

Foram estes que levantaram a lebre, pretendendo modificar as condições de matrícula, —diziam— para terminar com o roubo. Em vista disso a classe marítima resolveu também acabar com o roubo—porque só ela era a prejudicada—reclamando um ordenado com que pudesse viver. Mas pasmail! Agora são os marítimos que, reclamando um ordenado para viver, querem acabar com o roubo, e os outros os verdadeiros culpados do conflito, os que gritavam contra o roubo, pretendem que os marítimos continuem a roubar. Isto, que à primeira vista parecia ser uma pequena escaramuça sem importância, está a tornar-se num grave conflito, porquanto a classe marítima compenetrou-se de vez, que a luta agora é de vida ou de morte.

Apercebendo-se disto os armadores têm lançado mão de todos os processos ainda os mais infames para coagir os marítimos a irem para o mar. Um desses meios tem consistido em mandar chamar cada tripulação por si, coagindo-os a dar os nomes para a matrícula. Mas o decepção!

Quando eles já julgavam ter o passaro seguro nas mãos, este fugiu, porquanto nem só um marítimo, dessas tripulações, compareceu à matrícula.

Desesperados os armadores têm ultimamente pretendido actuar a verdadeira causa do conflito. Assim, para conseguirem os seus fins, têm insinuado no semanário "Moca", que se publica em Faro, que a classe marítima não vai para o mar, por não querer acabar com o roubo e que a mesma tem premeditado vários assassinatos. Este plano foi urdido para preparar o ambiente para que a autoridade administrativa mandasse requisitar tropa. Porém, como nada tivessem conseguido, conceberam um plano mais monstruoso. Consistiu em os próprios armadores enviarem uma carta—escrita com a mão esquerda para disfarçar a letra—ao armador Ceário ameaçando-o de morte se não se desistisse de fazer a matrícula. Em seguida foram mostrar a carta ao delegado do governo, e este iludido mandou vir algumas praças da guarda republicana a cavalo. Se bem que o gesto da autoridade administrativa não é alguma coisa para nós, —porque não é a tropa que vai solucionar o conflito— não poderemos no entanto passar sem ver a sua atitude. E isto, porque foi o próprio delegado do governo que teve ocasião, de verificar que a razão e justiça estavam do lado da classe marítima, quando se ofereceu para mediar a questão e constatou que as classes operárias compreenderam a hora marcada na sua repartição, ao passo que os armadores nem importância lhe ligaram. Tem sido este conflito um dos mais ordeiros que nesta vila se têm travado, e que as "forças vivas" a desordem, pretendem levar para o seu interesse. Decerto para que os acontecimentos se precipitem, segundo as informações que temos, premedita-se a prisão dos delegados marítimos, e de mais alguns elementos da organização operária, estando nós incluídos nesse número.

Para isso, concebem-se planos infernais, que só mostram com a aparência de homens são capazes de levar à prática.

Quem mais força emprega para que estas prisões se venham a realizar é um dos mais perigosos reaccionários desta vila, que tem uma rede de armas aos papalvos na Avenida. Por agora limitamo-nos a trazer isto ao conhecimento do público esperando por informações mais concretas para completarmos o nosso dossier.—C.

Uma sessão de protesto no Sindicato dos Arsenalistas da Marinha

Na sede do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional, realizou-se uma sessão de protesto contra a acção que as "forças vivas" veem desenvolvendo.

Abriu a sessão José Tavares dos Santos, expondo os objectivos dela, e protestando contra a acção das "forças vivas" e U. I. E. convidando para presidir Neto Batalha, que é secretariado pelos delegados da U. S. O. e do Sindicato do Arsenal do Exército. Neto Batalha refere-se também à acção nefasta das "forças vivas", citando factos que demonstram quanto ela é perniciosa para os interesses dos explorados.

Contra o movimento das "forças vivas"

Uma sessão de protesto no Sindicato dos Arsenalistas da Marinha

Na sede do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional, realizou-se uma sessão de protesto contra a acção que as "forças vivas" veem desenvolvendo.

Abriu a sessão José Tavares dos Santos, expondo os objectivos dela, e protestando contra a acção das "forças vivas" e U. I. E. convidando para presidir Neto Batalha, que é secretariado pelos delegados da U. S. O. e do Sindicato do Arsenal do Exército. Neto Batalha refere-se também à acção nefasta das "forças vivas", citando factos que demonstram quanto ela é perniciosa para os interesses dos explorados.

Silva Campos, da C. G. T., refere o que tem sido a administração burguesa antes e depois da guerra mundial, afirmando a conveniência de os trabalhadores criarem uma melhor capacidade administrativa, sem o que o bem-estar da colectividade não será muito viável.

Rosendo José Viana, da U. S. O., reporta-se à intenção da U. I. E. de assaltar a engrenagem governativa do Estado, que afinal sempre tem tido nas mãos, não tendo sempre senão a defender os interesses das classes exploradoras, combatendo esses intentos de esmagar o já tão oprimido povo consumidor e produtor.

José Ferreira, do S. do Arsenal do Exército, traz as saudações do seu sindicato aos trabalhadores do Arsenal da Marinha, afirmando os laços de solidariedade que unem os dois organismos na luta contra o despotismo e a acção reaccionária das "forças vivas".

Foi por fim aprovada por unanimidade uma moção de protesto contra os maneios da U. I. E., apresentada por Tavares dos Santos.

JOSÉ OROSA FERNANDES

A Comissão Administrativa do Sindicato Ferroviário convita todos os camaradas disponíveis a incorporarem-se no funeral do ex-conductor José Orosa Fernandes, que se realiza hoje, pelas 15 horas, do Hospital de S. José, travessa da Porta do Carro, para o cemitério do Alto de S. João, prestando-se assim, a última homenagem a aquele desditoso camarada.

INTERESSES DE CLASSE

Pescadores de Vila Franca de Xira O novo imposto provoca a miséria nesta classe

A classe piscatória de Vila Franca de Xira está sendo, desde à tempos carregada com novos impostos.

Ultimamente apareceu mais um, e o mais pesado e ignóbil, pela maneira, como é aplicado. Estando nós, pescadores de Vila Franca de Xira, matriculados na sua maioria na Capitania do Porto de Lisboa e outros na Delegação do Barreiro, dá-nos essa matrícula, direito a pescar em todos os portos, baías, angras, enseadas, costas do mar e rios até onde chega o preamar das águas vivas, munidos da competente licença de pesca. Se assim é, porque é que vem, o fiscal da secção Hidráulica de Santarém, sr. Manuel da Guia Pescador, exigir-nos uma nova licença de pesca só por passarmos de Alhandra para cima? Diz-nos ele que ultrapassando esse ponto, já pertence às águas hidráulicas ficando sem efeito os documentos da Capitania do Porto de Lisboa! Sendo assim, para que andou a Capitania, o ano passado a basilar o rio até às alturas de Azambuja deixando lá uma boia? E, ou não é, uma exploração indigna?

Como se entende, que nós pobres pescadores, pescando em frágeis saveiras, tripulados apenas por um arrais e um camarada, tenhamos duas licenças para poder pescar no mesmo rio?

O fiscal da Hidráulica devia reparar nas embarcações que não estão documentadas; devia obrigar os seus donos a terem um registro de propriedade, uma matrícula e uma licença de pesca, que se assemelhe ao custo à da Capitania e não um preço exorbitante, como ele quer que se pague, ou seja dois preços. Porque sendo encontrado de dia, custa 41\$50 e de noite o dobro! Esta licença é anual e não serve para nada, no que diz respeito à embarcação. Onde havemos nós, pobres pescadores sem outro recurso a não ser o produto da nossa pesca, por sinal bem diminuída este ano, ir buscar essa importância, com mais de outro tanto para a reforma dos nossos documentos na Capitania?

Estamos a braços com uma tremenda crise de peixe; a maioria das famílias estão às portas da miséria; trazemos os nossos filhos cobertos de andrajões, descalços, sem-nítis, aos rigores do frio, sofrendo muitas vezes escassez de alimento; pagamos um nunca acabar de impostos, tudo resignadamente, mas o que não podemos admitir, é termos de pagar duas licenças para poder pescar.

Onde se viu nos portos portugueses, uma embarcação com mais de uma tonelada de capacidade, sem registro, nem matrícula, sujeita apenas a uma pesada licença de pesca impingida pelo fiscal da Hidráulica? Bem sabemos nós, que temos de pagar direitos para poder pescar, mas esses direitos resumidos numa só licença e não duas, e que essa licença valha para pescarmos em todo o rio Tejo e não em ponto limitado! O rio é português, os pescadores são portugueses e os produtos das licenças vão parar aos cofres do Estado, se é que não alguns por outros particulares. Queremos uma só licença, mas esta mais resumida e todas as embarcações matriculadas, para podermos pescar livremente!

A não ser assim, pode este novo imposto trazer graves prejuízos, para o comércio e indústria desta florescente vila. Sim porque o fiscal da Hidráulica, em 1923, limitou o seu custo em 6\$00, em 1924 subiu para 30\$00, em 1925 atingiu a soma de 41\$50 ou 83\$00! A continuar assim, daqui por pouco tempo, não nos chega os lucros da nossa pesca só para pagar este estranho imposto.

UM PESCADOR SINDICADO

Condutores de carroças

A necessidade de fazer cumprir o horário de trabalho

A classe a que pertencem não tem, como devia, marcado uma atitude que bastante lhe interessaria. Todos nós observamos que se presentemente as autoridades não estão vexando, indo até ao ponto de fazer uma perseguição acinosa, a culpa cabe aos operários condutores de carroças, que não têm sabido corresponder ao apelo do seu sindicato, e também não têm sabido repelir as constantes arremetidas daqueles que têm passado uma vida de ociosidade.

Urge que todos os camaradas meditem na presente situação e ao mesmo tempo se organizem dentro do seu sindicato, demonstrando aqueles que pretendem aniquilá-los que já mais estarão dispostos a suportar as suas pretensões.

A crise de trabalho por que a classe está passando demonstra plenamente que o patrão não se uniu para aniquilar todos os trabalhadores deste ramo de transporte.

Verificamos constantemente que há o propósito, da parte das autoridades, de amesquinhar o brio profissional, a fazer uma caça constante à multa aos operários condutores de carroças.

Gostaria de ver a classe a que pertencem interessar-se por todas as questões que lhe dizem respeito. Lastimável é que os condutores de carroças, como classe laboriosa, não saibam impor-se como deviam perante as pretensões da casta parasitária.

E' vergonhoso, camaradas, que aqueles que transportam dum ao outro extremo da cidade todos os produtos não tenham como as restantes classes operárias organizadas, um horário de trabalho.

Esta questão do horário de trabalho deve merecer um grande estudo por parte das classes, e também aos camaradas da comissão administrativa do sindicato deve preocupar, levando perante as assembleias que se vão realizar em várias áreas onde existem condutores de carroças este grandioso assunto, levando assim a classe a interessar-se pelo mesmo.

Se de facto houvesse o horário de 8 horas não verificaríamos andarem camaradas desempregados e ao mesmo tempo dando-nos o espectáculo degradante dos proprietários tripudiarem sobre os nossos direitos de trabalhadores.

E' mister que todos aqueles que trabalham neste ramo de transporte encarem a forma por que as "forças vivas" pretendem aniquilar toda a classe trabalhadora e acorram ao seu sindicato dando-lhe a força necessária para que os desígnios dos nossos inimigos não vão para diante.

LEVY AUGUSTO CORREIO

(Operário condutor de carroças sindicado).

Crise de trabalho e baixa de salários

Um imponente comício em Torres Novas que foi uma grande jornada de propaganda revolucionária

TORRES NOVAS, 10.—Com o objectivo de combater a crise de trabalho, baixa de salários, carestia da vida, maneios das forças vivas e reaccionários realizou-se um comício público nesta vila no dia 8 p. p. para o qual vieram Manuel Nunes, pela Confederação Geral do Trabalho, João Miranda e Artur Moreira Sabido, pela Federação da Construção Civil.

Abre o comício Faustino Bretes, da comissão organizadora do mesmo, ficando a mesa constituída por Adolfo José Alves, Faustino Bretes e Anibal Alves, secretários.

O presidente expõe os seus fins, aconselhando ordem e serenidade para que os nossos adversários não nos mimoseiem de arruaceiros e discolos.

A. M. Sabido, começa por saudar o povo desta localidade em nome do organismo que representa e explica sucintamente o que é o Sindicato e a acção do mesmo no presente e no futuro, aconselhando os trabalhadores a ingressar nos seus sindicatos porque só ali se poderão educar. Descreve também a breves traços a acção das forças vivas, terminando por aconselhar os jovens a organizarem os respectivos núcleos de juventude sindicalista.

A seguir faz uso da palavra o camarada João Miranda que analisa a crise de trabalho, a sua origem, os efeitos funestos que a mesma provoca à classe trabalhadora, dizendo também que a crise nas indústrias contribui acerbamente para o descalabro económico em que se encontra o país.

A chuva interrompe o comício

O orador falava sob uma chuva impertinente que fustigava os assistentes. Resolveu-se, em face deste imprevisto, suspender-se o comício.

A's 19 horas, na sala do Centro Republicano, que pela primeira vez cedeu as suas salas para qualquer manifestação operária, reabre o comício prosseguindo João Miranda nas suas considerações.

Refere-se à baixa de salários dizendo ser apenas um jogo da odiosa classe patronal tendo como pretexto a imaginária baixa do custo da vida. Abordando o momento do assunto da carestia da vida, diz que a mesma deve-se à pusilanimidade e à inércia que certos governos têm tido para com o comércio latrocitante que, cínica e impune, explora dia a dia o povo consumidor.

Refere-se largamente e concretamente à União dos Infames Exploradores e aos maneios ignóbeis e concupiscências da citada União, à qual chama num tom forte e impulsivo, a União dos Ladrões (neste momento é interrompido pela assistência com uma salva de palmas). Feito silêncio cai a fundo sobre a questão religiosa, fala das romarias à pseudo-senhora da Fatima e à exploração infame que os clérigos fazem da mesma devido à credulidade do povo; ataca implacavelmente os reaccionários jesuítas locais, aconselhando os jovens a abandonar o antro pernicioso da igreja e juventude católica, incitando os chefes de família a não consistam que as suas companheiras e filhos vão para a igreja porque os padres provocam a desavença no lar e envenenam o cérebro frágil das crianças.

Um interessante discurso do delegado da C. G. T.

Segue-se no uso da palavra Manuel Nunes, delegado da C. G. T. que numa exposição de ideias reforça as palavras do orador que o antecedeu, faz sentir que o organismo que representa não é depósito de bombas como alguns mal intencionados dizem, não defende oligarquias antes pelo contrário, como se depreende da leitura de "A Batalha", temos combatido inexoravelmente, não subsidia vadios, mas sim auxilia moral e materialmente qualquer trabalhador perseguido por questões sociais; em síntese é um organismo que tem por objectivo juntamente com as Federações de Indústria coordenar o movimento operário em Portugal.

Disserta sobre a acção nefasta e perigosa da U. I. E. que cognomina de União dos Infames Exploradores, explicando os fins desta ignóbil instituição e incitando o povo trabalhador a estar prevenido contra qualquer movimento que a mesma venha a realizar, e que tenha por objectivo uma ditadura semelhante à espanhola.

Faz ver o perigo que correm todos os homens que deixam ir as mulheres à igreja proferindo estas significativas palavras que foram ditas pelo livre pensador que se chamou Fernão Boto Machado: «o homem que deixa ir a mulher à igreja está sujeito a ser coitadinho». Nesta altura ouviram-se muitos aplausos.

Estabelece um paralelo entre o antigo escravo e o actual proletário dizendo que, em parte, senão na totalidade o operário de hoje se encontra numa pior situação. Descreve claramente o que é o militarismo e a má educação que o soldado recebe, deixando de ser homem para ser um automato.

Como se encontrassem presentes alguns soldados, exorta-os a não expingardarem o povo quando os seus superiores ordenem porque não levando as balas letreiro poderão facilmente assassinar o pai, a mãe, ou os irmãos e assim numa forma geral, porque devem lembrar-se que são filhos do povo e que tem um coração como nós.

A seguir é apresentada pelo camarada Faustino Bretes uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Nomear uma comissão para junto da Câmara Municipal solicitar o acabamento de várias obras paralisadas;

2.º Protestar com veemência contra a injustificada baixa de salários, e não consentir a diminuição dos mesmos;

3.º Preparar-se por todas as formas, inclusive pelas armas na mão, impedindo a odiosa pretensão das "forças vivas", que nos pretendem cercar as exiguas regalias até agora por nós reivindicadas.

Volta de novo o camarada A. M. Sabido a fazer uso da palavra preconizando a organização das juventudes sindicalistas e incitando os trabalhadores a lerem "A Batalha" e a desprezarem os jornais burgueses tais como o "Século" e o "Diário de Notícias".

Aprova-se um protesto contra a Câmara

Após este camarada concluir as suas alocuções é concedida a palavra a um re-

presentante da Comissão Municipal do Partido Republicano Português apresentando um protesto contra o revoltante facto de pretender-se eliminar duma das ruas desta vila o nome glorioso de Ferrer limitando-se de momento a levar ao conhecimento do Senado Municipal a formal declaração de que o povo de Torres Novas não aceitava o insulto que contra a sua liberdade de consciência lhe foi grosseiramente lançado, repele tal afronta e exige que à Rua Ferrer seja conservado tão glorioso nome.

Referem-se ao assunto os camaradas J. Miranda e M. Nunes que em breves palavras descrevem a obra do grande pedagogo Ferrer— a Escola Moderna—verberando asperamente o insulto procedimento da reacçãoária Câmara Municipal desta localidade.

Por fim o camarada presidente refere-se à preterita questão do pão, tendo palavras repassadas de revolta contra o presidente da Câmara.

Em seguida é encerrado o comício, que foi a melhor jornada de propaganda sindicalista revolucionária até agora realizada nesta vila, entre vivas à "Batalha" e C. G. T.—E.

Na indústria da construção civil

O delegado da Bólsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil juntamente com dois delegados do Sindicato Unico da Construção Civil entrevistaram o ministro do comércio sobre o desenvolvimento dos trabalhos das obras do Porto de Leixões para que possam ser admitidos mais operários da indústria, a fim de atenuar a crise de trabalho que suportam. A comissão fez sentir ao ministro que não era justo terem os dirigentes dos mesmos trabalhos há tempo despedidos bastantes operários, dando assim margem, que a crise se desenvolvesse com mais intensidade.

A mesma comissão falou também sobre a continuação das obras da barra de Viana do Castelo, assim como da continuação do troço de linha férrea de Loulé a São Brás de Alportel, da situação dos operários sem trabalho em Lisboa e no resto do país onde há obras do Estado.

O ministro prometeu que enquanto aos trabalhos do Porto, Viana do Castelo e São Brás de Alportel a licenciatura com as entidades que superintendem nesses trabalhos e com respeito a Lisboa já ao parlamento pedir reforço de verba para assim poder manter os operários que estão já a trabalhar, como também para desenvolver mais trabalhos a fim de poder admitir mais operários que se encontram inscritos neste organismo.

A comissão foi depois falar com o dr. sr. José Ferreira da Silva, administrador geral dos serviços hidráulicos, sobre os trabalhos acima apontados, dizendo esse senhor que iria conferenciar com o ministro do comércio e empregaria todos os seus esforços para que esses trabalhos fivessem o andamento possível para ser atenuada a crise.

Esta comissão continua nas suas "demarques" para a colocação de operários.

Procurou-nos um membro da Bólsa de Trabalho da C. Civil para nos esclarecer que o grupo a que se refere a notícia publicada anteriormente sob o título acima era composto por um delegado da Bólsa de Trabalho e dois do S. U. C. Civil, isto para evitar mal entendidos que já começaram a verificar-se.

Litógrafos e anexos

Reúne amanhã, pelas 20 horas, a assembleia geral para se ocupar da crise de trabalho e assuntos referentes a várias casas.

Uma reunião do operariado municipal para apreciar o desempenho da Câmara às suas reclamações

Reúnem em sessão magna os operários municipais para apreciar o resultado das "demarques" efectuadas junto da vereação e o desprézo que esta vem manifestando pelas reclamações do seu pessoal.

Pela comissão de "demarques" usou da palavra Carlos Costa que expoz o resultado das conferências havidas com a vereação, verberando o seu procedimento em face da situação do pessoal.

Luís Martins reporta-se à atitude da Associação dos Calceteiros, condenando-a por ela ter reclamado em separado e uma quantia inferior.

Luís de Abreu verbera igualmente a atitude daquela associação, fazendo votos por que facto se não repita.

Segue-se Alfredo Pereira Vaz, que concorda com a greve de braços caídos, pois julga necessário responder-se ao despotismo da vereação; escarpelisa o procedimento da Associação dos Calceteiros, a qual classifica de traição ao movimento do operariado municipal.

No entanto não pode responsabilizar a classe dos calceteiros porque essa está no Sindicato Unico dos Operários Municipais. Apresenta uma moção para que a vereação seja dado um prazo para resolver sobre o assunto, prazo que não exceda a segunda feira próxima, devendo o pessoal reunir no dia seguinte para resolver em definitivo.

Falaram ainda vários camaradas, sendo todos unânimes em aconselhar a classe a estar de atalaia e pronta a repelir qualquer afronta.

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de adquirir

Trata-se do romance histórico por Eugénio Sue "Os Mistérios do Povo" que revela a história dum família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JÁ SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

UM PARADOXO

O elogio aos operários da C. P. e o procedimento desta empresa para com os mesmos

Os jornais de anteontem traziam, a propósito da montagem de máquinas a série 600, que se está fazendo nas oficinas gerais da C. P., uma notícia interessante que não passa sem os nossos comentários. Na mesma se afirmavam as altas qualidades de competência e zelo dos referidos operários, chegando o técnico alemão que está assistindo à montagem das citadas locomotivas, a escrever—que se não recorda de ter montado, em tam pouco tempo, máquinas deste tipo e que leva à mais lisonjeira impressão acerca das magníficas qualidades do operário português.

A Companhia Portuguesa é que não pensa da mesma maneira. Todos que leem este jornal já sabem em que situação moral se encontra o pessoal das oficinas e depósitos desta importante empresa que esquece não só a manifesta competência dos seus operários, como ainda os trata duma forma verdadeiramente deprimente.

Dentro das oficinas existe simplesmente isto: *trabalho e tirania*. Ali, com a maior facilidade e sem o devido respeito pelas dezenas de anos de casa dum núcleo de trabalhadores que têm dado o melhor da sua saúde e esforço à Companhia, se multa, suspende ou demite ao livre arbítrio de quem, infelizmente, exerce o cargo de dirigente nas mesmas oficinas.

Nem uma consideração, nem uma regalia, das conquistadas, através esforços inauditos e constantes lutas durante anos de martírio e sofrimento. Nem uma. Tudo esbulhado; todas cercadas! Nem um protesto é aceite. Está demitido e nada mais! Porquê?

Por ter procurado suavizar um pouco a situação aflitiva dum outro camarada, vítima anteriormente, e ser o iniciador dum acto de solidariedade a seu favor, vai para a rua, porque é perigoso, porque é humano! Por ter dedicado a sua atenção ao organismo da classe e procurado conhecer a causa da sua miséria, orientar-se na vida, instruir-se um pouco, ser um amigo e camarada de trabalho, «mas» que é indesejável e nada valem os 25 ou 30 anos de casa! Alguns com «elogios» semelhantes ao que serviu de causa a estas considerações. Assim, têm sido despedidos inúmeros camaradas que em tempos, também foram considerados competentes operários...

E os que ontem, desconfortados, leram a citada notícia, certamente se ficaram sobressaltados, perguntando se estaria breve também a sua demissão...

Que escárnio!

Que tremenda hipocrisia!

Então, senhores da Companhia Portuguesa, se esses operários demonstram essas admiráveis aptidões, porque não os tratais com a devida estima e consideração?

Porque não os colocais em igualdade de circunstâncias ao restante pessoal da mesma rede e não lhes dais o que lhes cercas-teis?

Porque exerceis tam grandes violências sobre homens dum tam útil missão dentro da vossa empresa?

Vá, respondei!

Ao menos sejam um dia justos, humanos e coerentes.

Na Sociedade Industrial de Chocolates

As operárias, que auferem salários miseráveis, opuseram-se a um regime de maior exploração

O pessoal feminino da Sociedade Industrial de Chocolates é vítima de uma insuportável exploração. Os seus salários, cujo mínimo é de 4\$50, não vão além de 5\$75 diários.

Pois a pesar-deste miserável situação o engenheiro Rogério Vasco Ramalho, o mestre geral Amândio da Silva e o encarregado das oficinas António da Silveira, pretendem impor a esse pessoal um regime de trabalho ainda mais vexatório e extenuante. Consistia ele no sistema de empreitada, pelo qual pagaria a fábrica 500 por quilo de chocolate, de modo que as operárias não poderiam fazer mais que 3\$00 em 8 horas de trabalho.

As operárias compreendendo os intentos desses senhores, rebelaram-se contra essa exploração, maior que a que já sofrem, e não a aceitaram.

SOLIDARIEDADE

Para um funeral

A comissão encarregada de fazer o funeral a Pedro da Silva Eça, operário tipógrafo há tempos falecido, deu por finda a sua missão, constatando ter recebido as seguintes quantias de diferentes quotas abertas para esse efeito:

Batalha, 40\$00; Correio da Manhã, 19\$50; Mundo, 16\$00; Novidades, 15\$00; Tarde, 11\$00; Notícias (casa de obras), 12\$50; Anuário Comercial, 19\$50; Abel de Oliveira, 17\$50; Mendonça, 8\$50; Casa Portuguesa, 11\$00; Imprensa Nacional, 61\$30; Oficina Sindical, 14\$45; Gráfica, 6\$00; Palhares, 6\$50; e Domingos Salinas, 2\$50.

A subscrição rendeu a quantia de 261\$25, tendo sido a despesa com o funeral de 248\$20, havendo um saldo de 13\$05 que foi entregue à mãe do finado.

Rendimentos dos operários

No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e recolheu a casa, Pedro Sequeira, de 34 anos, natural de Odivelas e residente em Alameda de Cima, carroceiro, que, em Alcantara, caiu da carroça de que era condutor, ficando ferido na cabeça.

No banco do Hospital de São José receberam curativo e seguiram para casa: Victor dos Santos, de 33 anos, natural de Aldega Vinha (Alenquer), residente na rua da Estação, 14, em Sacavém, trabalhador da Fábrica de Moagem Brito, no Beato e que ali caiu de uma prancha, ficando contuso no tórax e ferido no rosto.

Vida Sindical

U. S. O. Comissão Administrativa

Reúne hoje, pelas 21 horas, devendo também comparecer a esta reunião os delegados da direcção dos operários manipuladores de pão.

COMUNICAÇÕES

Federação Mobiliária.—Por lapso no relato da sessão do Conselho Federal realizada ante-ontem, omitiu-se que foi tomado conhecimento da reorganização do Sindicato Mobiliário de Faro, a qual foi conseguida por intermédio da U. S. O. local, que com esta Federação se poz em comunicação para este fim. Foi aprovada uma saudação aos ditos camaradas.

Manipuladores de pão.—Previnem-se todos os socios de que não devem pagar as suas quotas, ou outra qualquer forma de receita, ao cobrador João de Almeida e Silva, que, pelo seu procedimento, deixou de merecer a confiança da direcção da Associação.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Continua sendo muito frequentada a biblioteca deste sindicato por socios e não socios e nela se encontram um grande número de livros de estudo e profissionais.

Pede-se a todos os componentes para frequentarem a biblioteca para assim adquirir conhecimentos que são úteis são.

Fragateiros.—Em assembleia geral foram nomeados os seguintes corpos gerentes:

Direcção: Presidente, António Dias Tavares; 1.º secretário, José Maria de Oliveira Possante; 2.º secretário, Tertuliano Bentes Robalo; tesoureiro, Manuel Gomes Rico; vogal, João Pedro Gonçalves. Conselho fiscal: Henrique Lopes de Paula, presidente; José Rezende Junior, 1.º secretário; João António Rodrigues, 2.º secretário. Comissão de melhoramentos: Joaquim Correia, José de Azevedo, Silvério Rodrigues de Abreu, José Gomes Ramiro e Francisco de Oliveira Pinto.

Em virtude do estado de saúde não permitir ao presidente ficar à frente da direcção, substitui-lo há, enquanto não se restabeleça o 1.º secretário José Maria de Oliveira Possante, a quem deve ser dirigida toda a correspondência.

REUNEM HOJE:

Federação Mobiliária.—Comissão Administrativa.—A's 20,30 horas.

Federação da Construção Civil.—Extraordinariamente, pelas 20 horas, o Conselho Federal, para se ocupar e tomar resoluções sobre um assunto de grande importância.

Compositores Tipográficos.—Pelas 18,30 para continuação dos trabalhos. Calceteiros de Lisboa.—Continua pelas 21 horas, a assembleia com a seguinte ordem de trabalhos: Discussão e votação do relatório, nomeação de delegados à